

Supervisão em grupo: o início da prática clínica em psicanálise com estagiárias do último ano de psicologia

Group supervision: psychoanalytic clinical practice with final-year psychology interns

Supervisión grupal: la clínica psicoanalítica con pasantes del último año de psicología

Ana Carolina Fontes Chaves¹ , Matheus Colombari Caldeira² , Jorge Luís Ferreira Abrão³ 

Resumo: Este artigo propõe relatar a experiência inicial da supervisão clínica em psicanálise sob o aspecto grupal. É um relato de experiência de supervisões em um serviço-escola de Psicologia. Utilizou-se da observação não participante. O grupo tinha um total de 7 membros; os encontros duravam cerca de uma hora e meia, com periodicidade semanal, no primeiro semestre de 2023. Foram realizados 13 encontros e dois núcleos de sentido foram caracterizados: “tornar-se psicóloga”, em que as fantasias da prática profissional se manifestaram de maneira grupal e o grupo indicou o seu destino, e a “função do supervisor”, que demonstrou a importância do conhecimento dos aspectos grupais e de como eles corroboram a transmissão proposta na supervisão. A supervisão em grupo apresenta melhor qualidade na aprendizagem quando se consideram os processos grupais.

Palavras-chave: supervisão clínica, grupos, estágio clínico, psicanálise.

Abstract: This article aims to report on the experience of beginning clinical supervision in psychoanalysis from a group perspective. This is an account of supervisory experiences in a psychology training program. Non-participant observation was used. The group had a total of seven members, and the meetings lasted about an hour and a half, taking place weekly during the first semester of 2023. Thirteen meetings were held, and two core themes emerged: “becoming a psychologist,” in which fantasies about professional practice were expressed as a group, and the group indicated its destination, and “the supervisor role,” which demonstrated the importance of understanding group dynamics and how they contribute to the transmission that is proposed in supervision. Group supervision offers better quality learning when group processes are taken into account.

Keywords: clinical supervision, group, clinical internship, psychoanalysis.

Resumen: Este artículo propone relatar la experiencia del inicio de la supervisión clínica en psicoanálisis desde el punto de vista grupal. Se trata de un relato de la experiencia de supervisiones en un servicio-escuela de Psicología, utilizando la observación no participante. El grupo tenía un total de 7 miembros; las reuniones duraban aproximadamente una hora y media, con periodicidad semanal, durante el primer semestre de 2023. Se realizaron 13 reuniones y se caracterizaron dos núcleos de significado: “convertirse en psicóloga”, en el que las fantasías de la práctica profesional se manifestaron de manera grupal y el grupo indicó su destino, y la “función del supervisor”, que demostró la importancia del conocimiento de los aspectos grupales y cómo estos corroboran la transmisión que se propone en la supervisión. La supervisión en grupo presenta una mejor calidad en el aprendizaje cuando se tienen en cuenta los procesos grupales.

Palabras clave: supervisión clínica, grupos, prácticas clínicas, psicoanálisis.

¹ Psicóloga, São José do Rio Preto, SP, Brasil, e-mail: anacarinfonteschaves@gmail.com

² Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho: Assis, SP, Brasil, e-mail: mmatheuscaldeira_@hotmail.com

³ Professor Titular do Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil. E-mail: jorge.abrao@unesp.br

Recebido em: 10/06/2025 | **Alterado em:** 07/11/2025 e 10/01/2026 | **Aceito em:** 15/01/2026

Introdução

O estágio supervisionado foi incorporado nas Instituições de Ensino Superior no período de 1942/1944, e diante da necessidade de oferecer ao estagiário um primeiro contato com a prática profissional, foi criado o parecer CFE nº 45 de 1972, que estipulava normas técnicas para o curso de economia e algumas áreas da saúde. No mesmo ano, foi criado o Decreto Federal nº 87.497, estipulando a legislação sobre a prática de supervisão para os cursos universitários em território brasileiro através da Lei Federal nº 6.497/77 (Brasil, 1972; Brasil, 1977). Atualmente, temos os avanços de normas técnicas e de regulamentação que resultaram na Lei Federal nº 9.394, que estipulou ao ensino superior as diretrizes e bases da educação nacional, articulando o estágio supervisionado como um artifício que auxilia no preparo técnico do aluno, tornando-o apto para o exercício profissional (Brasil, 1996).

Na Psicologia, a diversidade de áreas e ênfases pode impactar diretamente a quantidade de estágios realizados pelos alunos. Os estágios possuem caráter obrigatório e não obrigatório, sendo que os obrigatórios têm caráter presencial, com exceção só permitida em período pandêmico (CFP, 2025). Dentre eles, há o estágio clínico em Psicologia, obrigatório desde sua regulamentação em 1962, em que podemos perceber que a Psicanálise fez parte das possíveis abordagens neste início, embora a formação psicanalítica tenha estrutura própria (Silva, Coelho & Pontes, 2019).

Atualmente, a formação psicanalítica é desenvolvida de maneira relacional, através de elementos individuais e grupais na construção de um saber. Em seu início, que hoje vem a ser conhecido como movimento psicanalítico, Freud foi o grande responsável pela formação teórica e analítica dos primeiros adeptos (Roudinesco, 1998; Safouan, 2023). Em 1910, a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) se estabelece e será responsável pelo percurso formativo. Entretanto, nem sempre o pensamento de Freud era compatível com o da instituição criada por ele, evidenciado em seu texto sobre “A questão da análise leiga”, em que discute profundamente a quem se destina a formação de analista, saindo em defesa de Theodor Reik, membro não médico (Freud, 1926/2014).

Já ao fim da vida de Freud, a Psicanálise ganhava novos expoentes teóricos, entre os grandes destaques estão: Anna Freud e Melanie Klein, seguidas de Jacques Lacan, Winnicott e Bion. A variedade teórica desenvolvida foi ampla, assim como os conflitos políticos. Como consequência, alguns modelos de formação surgiram, uns vinculados à IPA, outros dissidentes, como foi o caso da formação francesa, influenciada por Lacan. No Brasil, a formação do psicanalista é ofertada por modelos singulares da leitura de Freud, em que as Escolas de Psicanálise, cada uma a seu modo, irão formalizar a estrutura formativa. Em paralelo, sem o intuito de formar analistas, temos nas graduações de diversas áreas uma intersecção que permite um primeiro contato com os conceitos psicanalíticos. De modo semelhante, temos o *stricto* e o *latu sensu*, que permitem uma relação de pesquisa e aproximação com a Psicanálise (Mezan, 2020).

É inexorável para a formação do psicanalista o “tripé freudiano”, a análise e a supervisão da prática clínica geralmente são desenvolvidas de maneira bipessoal, o analisando e seu analista, o supervisionando e seu supervisor, sendo exceção os estudos teóricos, que geralmente são em grupos.

Segundo Roudinesco e Plon (1998), a supervisão, um dos elementos fundamentais da formação, foi formalizada em 1925, pela Associação Internacional de Psicanálise (IPA), tornando-a uma prática obrigatória, estabelecendo o que Freud já demonstrava: a importância do contato profissional com outros psicanalistas (Freud, 1919). Segundo Silva (2019), as primeiras supervisões, ainda sem a estrutura definida como a conhecemos, aconteceram nas cartas entre Freud e Fliess, de 1887 a 1904, que demonstravam que Freud considerava e aplicava as intervenções sugeridas pelo colega. Encontramos nas cartas os conteúdos estudados, situações da vida particular, a análise de sonhos, os casos atendidos e os principais movimentos que dariam origem à teoria (Drawin, Moreira, Câmara, 2020). Assim, Freud inicia o processo de supervisão com colegas por meio de cartas. Jung, desde o primeiro contato com Freud em 1907, recebia recomendações para o manejo dos pacientes do hospital de Zurique, como o caso de Sabina Spielrein (Gay, 1998). E com Ferenczi, a partir de 1908 (Silva, 2019).

Na formalização, a IPA definiu que o supervisionando buscasse um supervisor que não fosse o próprio analista, modelo apoiado pela escola de Berlim, mas criticado pela de Budapeste, dirigida por Ferenczi e posteriormente representada por Balint. Apontam que haveria o risco de livre teorização do supervisor em relação à prática do analista, o que não aconteceria com o próprio analista como supervisor, considerando aspectos da própria história do supervisionando (Kuperman, 2025). Assim, o analista, como supervisor, poderia realizar a análise da contratransferência do supervisionado com seu paciente (Pitrowsky & Kuperman, 2021).

Outra crítica ao modelo de supervisão da IPA é o enunciado por Lacan, que incide sobre a pedagogia, a política e o poder. Busca um “retorno ao modelo psicanalítico”, abrangendo a teoria e a técnica. Na supervisão, tentava subverter o modelo, propondo o não estabelecimento de carga horária obrigatória e a liberdade de escolha do supervisor fora do âmbito institucional (Mendes, 2012). Segundo Penna (2024), a posição do supervisor é a do não saber, da experiência singular produzida no campo da transferência. O que se exprime na teoria dos discursos, em que ele ocupará o lugar do semblante do objeto causa de desejo (não saber), evitará ocupar o lugar de mestre ou daquele que produz respostas para o supervisionando, como no discurso universitário (Lacan, 2008).

Pinheiro e Darriba (2011) apresentam que a supervisão na universidade é tida como obrigatória e que a finalidade é a realização mínima da carga horária. Refletindo sobre a confusão e o poder, Derzi e Marcos (2013), a partir de uma leitura lacaniana, afirmam que as dificuldades de implementar a transmissão psicanalítica pela supervisão aparecem na relação com a demanda de completude do saber, o discurso do mestre, encontrado em grande parte na ciência e nos discursos psicológicos.

Todavia, o que nos chama a atenção, é como a grupalidade é desconsiderada e quando não, fica em segundo plano. E, sendo a supervisão um recurso do “ensino” e da prática do analista, quando ocorre em grupo, suas manifestações são grupais e deveriam ser compreendidas dessa forma. Em “O Processo Grupal”, Pichon-Rivière demonstra a ilusão da relação dual constituída ingenuamente de alunos/professor ou como supervisionandos/supervisor ao afirmar que “poderíamos dizer que toda a pedagogia e a didática se configuram, em geral, com base numa situação falsa, pois quase sempre se referem a uma situação a dois . . . a situação natural é grupal” (Pichon-Rivière, 2009, p. 88).

O grupo permite a fala e a escuta da atuação técnica, além da possibilidade de discussão sobre a dinâmica das relações transferenciais (Zimerman & Osório, 1997). E, naturalmente, no mercado de trabalho, principalmente no que chamamos de equipes assistenciais, a dinâmica de pensar o caso (tarefa), agora com uma diversidade de profissionais, continua a demonstrar a permanência dos grupos enquanto dispositivo de pensamento. Dentro dos serviços públicos, é possível perceber que esta prática permite não só suporte para a formação profissional, mas também avanços na estruturação e comunicação de equipes, na resolução de conflitos e no acolhimento de questões pessoais (Ávila, 2013). Percebendo que o aspecto grupal na supervisão pode ser uma ferramenta de extrema valia, nosso objetivo é relatar a experiência inicial da supervisão clínica em psicanálise sob o foco grupal.

Método

O estudo trata-se de um relato de experiência, utilizando-se do método de observação não-participante (Lakatos & Marconi, 1988). A observação permite ao pesquisador contato direto com o objeto de pesquisa (Mascarenhas, 2018). Este modelo foi escolhido principalmente a fim de evitar participações nos casos clínicos que pudessem gerar ansiedade no grupo de estagiárias, já que iniciavam os atendimentos e as supervisões.

A pesquisa foi realizada em um grupo de supervisão clínica em Psicanálise do quinto ano da graduação em Psicologia de uma IES privada. A pesquisadora, aluna do quarto ano de Psicologia, foi convidada a acompanhar as supervisões pelo supervisor responsável, com o objetivo de realizar o trabalho de conclusão de curso. Este grupo era composto por sete participantes, sendo cinco estagiárias, um supervisor e uma pesquisadora.

As estagiárias se autodeclaravam mulheres, adultas, na primeira graduação, realizando o primeiro contato com o atendimento clínico individual. O supervisor trabalha com a abordagem lacaniana, embora os alunos tenham a possibilidade de seguir suas preferências teóricas na psicanálise. Todas já haviam entrado em contato anteriormente com o supervisor pela via da docência.

Foram 13 encontros que ocorreram no período de fevereiro a junho de 2023, com duração de 90 minutos, realizados semanalmente de modo presencial, e somente a pesquisadora participou via internet, com acesso ao áudio. Utilizou-se também o diário de campo para coleta. A análise de dados foi realizada a partir da análise temática do tipo reflexivo dos diários de campo (Souza, 2019), utilizando autores da psicanálise e da psicanálise de grupos (Anzieu, 1993; Castanho, 2018; Freud, 1921; Pichon-Rivière, 2009; Zimerman, 2000).

O serviço-escola é destinado a atender gratuitamente pessoas em condição de vulnerabilidade socioeconômica. São oferecidas duas abordagens psicoterápicas com cerca de 6 estagiários para cada supervisor, havendo, em média, 4 supervisores, dois para cada perspectiva teórica, sendo uma delas a psicanalítica. O estagiário pode optar pela abordagem, mas não pelo supervisor, que é escolhido via sorteio. Nos orientamos pela pergunta norteadora: Quais os obstáculos aos estagiários no campo clínico e como a situação grupal pode auxiliar? Assim, organizamos dois núcleos para discussão: tornar-se psicóloga e a posição do supervisor.

Resultados e Discussão

O primeiro núcleo, “tornar-se psicóloga”, explora o processo de passagem das estagiárias a profissionais, focalizando a transição, as fantasias, os obstáculos que articulam o desejo e o ideal de Eu. Já em “a posição do supervisor”, há a compreensão da função do supervisor frente ao compartilhamento, à escuta das demandas e à resistência do trabalho clínico. Todos os núcleos consideram as teorias de grupo como auxílio para a prática de supervisão.

Tornar-se Psicóloga

É comum a quem inicia a prática clínica que o tratamento se vincule ao desejo de cura, à rapidez dos resultados, a um ideal, o que não era diferente nesta supervisão. O sentimento de produção e, principalmente, o da ausência deste, revelam a insegurança, a angústia e a sensação de fracasso, principalmente quando os pacientes permaneciam com os sintomas de que se queixavam. Byung-Chul Han (2015) pontua que a sociedade atual do desempenho implica aos indivíduos o ideal produtivo, em que um indivíduo de valor é o indivíduo que produz.

Safatle, Júnior e Dunker (2022) demonstram que o sistema neoliberal reduz o sujeito a uma posição que o induz ao sofrimento, em que o resultado é o maior índice de produtividade do trabalhador, tornando-o, pelos artifícios da moral, escravo de seu desejo, que passa a ser, imperativamente, o de produzir. Questiona-se então qual o papel assumido pelas estagiárias e quais os esquemas que utilizam para operar sobre o tratamento? Há, predominantemente, este desejo de curar; muitas intervenções associadas a uma ideia altruísta e moralista excluem o sujeito do mal-estar, sendo ele o resultado de um conflito entre o desejo, a moral e o real da vida (Vieira, 2020).

Havia a pretensão de alcançar resultados positivos e rápidos, contrários à elaboração dos pacientes, sob a influência produtivista da cura, da qual o discurso capitalista se apropria e à qual nos submete (Lacan, 1992). Atuam no grupo forças externas, o contexto produtivista ocidental e o encontro com a estrutura do ideal de Eu, demonstrada grupalmente pela ilusão. Notamos, no diálogo grupal, que as estagiárias debatiam sobre a dificuldade em conter a própria angústia frente às repetições de determinados pacientes, o que trazia

a sensação de que os pacientes estavam “estacionados” no próprio sintoma. Diante das falas, elas buscaram no supervisor uma sugestão, uma saída, mencionando o desejo de promover o desaparecimento do sintoma.

Anzieu (1993, p. 65) descreve que há um movimento ilusório comum aos grupos, quando este é tomado como objeto libidinal. Para o indivíduo, “as produções psíquicas grupais preenchem um papel de transição entre a realidade psíquica interna e a realidade natural e social exterior”. Logo, a ilusão permite uma transição do aspecto pulsional do indivíduo ao grupal compartilhado, da insegurança, da angústia, da experiência de ansiedade. Propõe Pichon-Rivière (2009) que, no momento da pré-tarefa, os medos básicos podem se tornar obstáculos na própria leitura da realidade. Semelhante à regressão que possui três localizações: cronológica, tópica e formal (Anzieu, 1993).

No início das supervisões, o que se demonstrava aparente eram as inseguranças sobre como se portar nos primeiros atendimentos. Mesmo com o primeiro encontro de supervisão sendo voltado ao diálogo, às premissas do primeiro atendimento clínico e ao fornecimento de material bibliográfico pelo supervisor, as preocupações permaneciam. Na tarefa, os participantes possuem esquemas de referência próprios, suas histórias e experiências, até assumirem um Esquema Conceitual Referencial Operativo grupal (ECRO). Isso significa que todos operam por sua singularidade e que a tarefa, viabilizada também pelo coordenador, permitirá a assunção de papéis. A enunciação da insegurança só foi possível após algumas supervisões, havendo um porta-voz da angústia do grupo, momento em que as ansiedades da pré-tarefa foram sanadas e o grupo pôde escutar a si mesmo a partir de uma participante. Assim, há a perda de papéis anteriores e a possibilidade de ocupar novos lugares, como uma passagem, neste caso, de supervisionadas inseguras para profissionais capacitadas.

Afirma Anzieu (1993, p. 64) que “o confronto com os outros é vivido como uma ameaça angustiante de perda da identidade do Ego”. Bion (1975) observa que, em um grupo de trabalho, se compreende a dificuldade de relacionar a tarefa e as demandas pessoais, frente àquilo que se espera realizar, pela tensão que recai sobre a relação Ego e grupo, evidenciada pelo que René Kaës nomeia de pacto narcísico (Kaës, 2011).

A nível tópico, propõe Anzieu (1993) uma certa fusão do Id e do Superego ideal, tomando como objeto perdido o próprio grupo. No relato das supervisionadas, surge a ideia de que eram um grupo bom e por isso tinham um lugar privilegiado, sendo acolhidas e não julgadas. Por fim, a regressão formal é bem destacada no “recurso a formas de expressão arcaicas mais próximas do processo primário” (p. 64). Algumas vezes representadas pelos silêncios sem fim e risadas envergonhadas.

Geralmente, os grupos de supervisão em Psicologia não visam elaborar aspectos da sua própria dinâmica grupal, priorizando aspectos pedagógicos, e esquecem-se dos entraves que a situação grupal propõe à aprendizagem. Corroboramos o pensamento de Osório (2021), que discute o equívoco ao se separar durante muito tempo, a crença de que interpretações psicanalíticas se restringiriam ao grupo analítico e deveriam ser evitadas no grupo operativo. Segundo ele, “os grupos operativos propõem-se a vincular noções oriundas das dinâmicas dos grupos ao referencial analítico” (p. 163), implicando que o trabalho da supervisão precisa atentar às dinâmicas relacionais do grupo. Deste modo, a proposta de Pichon-Rivière, permite operar na dicotomia, em que se trabalham os conteúdos grupais a partir da tarefa (Pichon-Rivière, 2009). Analisaremos dois níveis de relação: a dupla estagiária-paciente e o grupo de supervisão.

A fim de conter a própria angústia, uma estagiária estava fazendo anotações durante o atendimento, evitando contato visual, que em sua fantasia, a paciente reconhecia sua inexperiência, e o silêncio da sessão era um indicativo de sua fragilidade. O primeiro contato com a prática é impactante para o aluno, não somente no contexto clínico, mas em qualquer campo que exija a adoção de uma postura profissional (Machado, 2014). Anotar era sinônimo de escutar, vinculava-se à fantasia de escutar tudo, como um gravador, uma memória paranoica (Fédida, 1991). A estagiária “se retirou de cena” para que pudesse realizar o seu desejo de tudo capturar, tomada pela sensação de que nada poderia fazer; a solução foi produzir uma escrita. Outras inseguranças manifestaram-se no grupo: a necessidade de falar demasiadamente, a postura psicoeducativa e as preocupações excessivas com os gestos corporais.

Auxiliar o paciente a alcançar a cura de seu sofrimento está presente nos alunos desde o início do curso. E, como se pode observar, no final do curso essas expectativas permanecem e são moldadas pelo Eu ideal (Freud, 1923/1996), pressupondo profissionais que em nada se angustiam frente ao tratamento, que não são afetados pela relação transferencial e que sempre irão acertar.

Já no percurso da tarefa, conseguem refletir as angústias do próprio grupo por meio da estagiária (porta-voz), manifestas sobre o “agir corretamente” no setting terapêutico, que anunciavam a insegurança e desconfiança entre os membros da supervisão. Ao notar que se identificavam neste ponto, permitiram-se comentar sobre a tensão e a dificuldade de escutar os pacientes, a dificuldade de relatar em supervisão. Castanho (2025) demonstra a necessidade de reconhecermos os paralelismos dos espaços, em que muitas vezes os entraves, as resistências de um espaço, podem se manifestar em outro. Conhecido como “reflexion process”, este conceito de Harold Searles ou “parallel process” de Ekstein e Wallerstein, propõe pensar nesse dinamismo (Pitrowsky & Kuperman, 2021).

Jasiner (2022), caracteriza um aspecto importante do grupo, o de artifício, sua parte artesanal e criativa, que necessita de uma construção que privilegia a inventividade. Pensaremos a supervisão exatamente com a possibilidade de explorar sua capacidade artesanal.

A Função do Supervisor

Retomemos o início da supervisão, em que a “escolha” do supervisor é feita por meio do sorteio, o que foi considerado na transferência? O que influenciaria na supervisão, já que o supervisor é aquele que avalia? Críticas semelhantes às de Lacan à IPA. Logo, a supervisão sofre as influências institucionais e pode produzir relações hierárquicas e burocráticas, em que o supervisor se torna mestre e o saber é reduzido à técnica.

Lacan (2008) demonstra que a transferência também opera na escolha do supervisor. Contudo, devido à diversidade de instituições de ensino superior, aos critérios na distribuição dos estágios, às abordagens disponibilizadas e às ênfases de estágios oferecidos, esta relação, regida para além da transferência, pode variar, desde que se respeitem as legislações (Brasil, 1996; CFP, 2025).

Castanho (2018), em uma análise minuciosa, constrói teoricamente como os grupos psicanalíticos podem ser aplicados às instituições, trazendo ao final de sua obra, experiências grupais. Sobre a supervisão, afirma que “trabalhar com o processo do próprio grupo de supervisão não exclui a possibilidade de intervenções que informem, esclareçam e indiquem procedimentos a serem utilizados” (p. 300), integrando a atividade grupal ao processo de ensino.

Zaslavsky, Nunes e Eizirik (2003) apresentam, em sua revisão sobre a supervisão em psicanálise, duas atitudes: a didática, que associa o lugar do supervisor a um professor que ensinará as técnicas e agirá com correções, explicações e sugestões. A segunda atitude, a experiencial, visa o crescimento pessoal do supervisionando. No que diz respeito aos modelos metodológicos, temos o clássico/demonstrativo (ênfase no paciente), corretivo/comunicativo (ênfase no supervisionando), compreensivo/relacional/experiencial (centrado na dupla supervisor/supervisionando), todos os quais podem se interrelacionar na experiência de supervisão.

Corroboramos o modelo que contempla a possibilidade analítica sem excluir a pedagógica. Pichón-Rivière (2009) desenvolve o processo de aprendizagem através da experiência e das relações frente ao grupo em que está inserido, como elementos que permitem a elaboração de um saber próprio. Logo, o supervisor deve se atentar aos impasses do grupo, além dos próprios casos clínicos em discussão.

É o supervisor que tem a tarefa de reconhecer, intervir e deslocar-se da posição de mestria, pois era a ele que se atribuía o “saber fazer”, retirando toda a implicação das estagiárias do processo. Mesmo com o enquadre realizado, emergiram o uso do celular durante a discussão de casos, silêncios, realização de relatórios na supervisão, todos mecanismos de controle para evitar a tarefa, “mecanismo de postergação, atrás do qual se oculta a impossibilidade de suportar as frustrações de início e término de tarefas, causando, paradoxalmente,

uma constante frustração” (Pichon-Rivière, 2009, p. 34-35). O mesmo acontecia nos atendimentos: atrasos de pacientes, dificuldades de finalizar a sessão no tempo combinado, assim como faltas frequentes. As estagiárias atuavam no grupo, o que viviam com seus pacientes.

Na supervisão, havia dois subgrupos que evitavam comentar sobre os casos discutidos um com o outro. Diante disso, o supervisor convocava o grupo a refletir. Pichon-Rivière (2009) e Woronowski (2003) sinalizam que de vez em quando o coordenador de um grupo deve apontar o explícito no discurso do grupo, bem como o evitado no discurso grupal, e articular com a hipótese sobre o obstáculo do grupo e sua tarefa. A tensão sobre o que o outro subgrupo iria pensar caracterizava os impasses intrapsíquicos e interpessoais. Ao longo dos encontros, as estagiárias se tornaram mais participativas nas reflexões da tarefa, porque percebiam que os próprios conteúdos dificultavam a aprendizagem, bem como o vínculo pôde se estabelecer de maneira positiva. Pichon-Rivière (2009, p. 87) notou que, ao se aproximar dos pacientes, os estudantes de psiquiatria apresentavam aspectos de rejeição durante as supervisões, em que “a resistência se expressava como uma resistência a aprender, já que a prescrição era analisar o aprender”. O vínculo que se desenvolveu entre as estagiárias e a pesquisadora, elegendo-a como elemento do grupo, foi importante para a diminuição das fantasias de ataque. Interagiam, solicitavam ao supervisor poder vê-la pela câmera do dispositivo eletrônico e, quando o supervisor se esquecia de conectar remotamente, as estagiárias o avisavam.

O supervisor, assim como o coordenador de grupo, deve propiciar o compartilhamento; a troca de experiências é um recurso importante no processo de supervisão, para além da detenção de uma verdade (Zimmerman & Osório, 1997). Segundo Kovács (1936), a repressão totalitária dos afetos, além de ser impossível, é danosa à saúde mental do analista. Sabemos que a análise não é obrigatória para os estagiários de Psicologia, o que causa dificuldades no manejo de seus próprios afetos.

Outro ponto a ser pensado diz respeito às identificações com a posição idealizada, que, em certa medida, seria positiva, já que a identificação profissional com o supervisor pode contemplar, por exemplo, fundamentos éticos. Por outro lado, deve-se ter cautela para não produzir terapeutas identificados e dependentes, que sempre buscam a imitação ou ficam presos à busca de um ideal. Apostamos que os participantes, frente à própria experiência no grupo, analisem e reconheçam sua forma de pensar e agir (Zimmerman & Osório, 1997).

Como Freud (1921) demonstrou, é frequente que se identifiquem com o líder, mesmo que pela ilusão fálica, apontando os riscos deste processo (Freud, 1913). Esta seria a imago inalcançável, que deve ser discutida como um estudo de si mesmo sobre a própria falta (Freud, 1916). A nova possibilidade apresentada na supervisão grupal é a entrada na própria tarefa, que coloca todos os participantes a pensar juntos, com suas contribuições variadas, para a resolução daquilo que é do outro, mas que em alguma medida é também de cada um (Pichon-Rivière, 2009).

A proposta, neste caso, é nos aproximar do conceito de “trabalho de transferência”, marcado pelo trabalho de analista para analista, que vincula uma transmissão do saber, não hierarquizado (Ferreira & Silva, 2025). Assim, deveria agir o supervisor na elaboração do ideal do estagiário frente ao exercício profissional, um lugar intermediário na construção do profissional (Silva, 2019). O modelo grupal pode ser um facilitador, já que permite a fala horizontal, a escuta do conhecimento de cada participante (Fernandes et al., 2004). Deve-se retomar o artesanal do grupo, em que os estagiários capturem a realidade de forma criativa e ativa (Pichon-Rivière, 2009).

As supervisões em grupo são uma realidade cada vez mais crescente na Psicanálise por diversos motivos: as questões econômicas dos supervisionandos, o início da prática clínica, a busca de modelos horizontais para discussão, afinidades com certos modelos de clínica e até mesmo parte da própria formação (Verztman, 2025). Entretanto, na Psicologia, isso já ocorre há muito tempo e, por isso, devemos nos atentar à importância que a prática e as teorias grupais possuem na formação do psicanalista, do psicólogo e de outros profissionais da saúde (Fernandes et al., 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A supervisão psicanalítica de grupo na IES de Psicologia demonstra algumas possibilidades positivas, como a identificação e o compartilhamento das ansiedades em grupo, a multiplicidade de olhares para o caso clínico, permitindo elaborar conteúdos tanto do grupo quanto do caso, e permitindo que ele funcione para além do dispositivo, mas como artifício. No grupo, quando bem manejadas, as fantasias tendem a reduzir sua influência e seu aspecto criativo prevalece, auxiliando na aprendizagem e elaborando a ilusão grupal. Outro fator que nos chama a atenção é a manifestação no grupo daquilo que se apresenta como desafio nos atendimentos, uma atuação.

Por outro lado, o grupo de supervisão deve ser manejado, não somente pensando nas técnicas psicanalíticas individuais, mas abrindo a escuta para a psicanálise de grupos. E para isso, são necessárias a postura empática do supervisor e a ampliação do conhecimento de teorias psicanalíticas de grupo e seu manejo. Utilizou-se a perspectiva pichoniana de grupo, pois consideramos a tarefa como fim de destituir a polarização dos termos analíticos e operativos, mas deixamos a ressalva de que há uma grande diversidade de teorias grupais em psicanálise. A tarefa é também direcionada ao vínculo, que permite a continuidade do grupo. Outro aspecto do supervisor é direcionar-se àquilo que escapa ao Eu ideal, provocando uma postura relacional, a fim de desenvolver uma autocrítica mais saudável nos estagiários, a compreensão das relações transferenciais com os pacientes e suas contratransferências e, principalmente, vivenciar as dinâmicas grupais que podem ser cuidadas para a melhor qualidade do grupo e de seus participantes.

Em síntese, este campo se apresenta como fecundo para a pesquisa, visto que há tempos ele vem sendo utilizado como prática de supervisão universitária, mas pouco se sabe sobre o uso de teorias e modelos grupais no contexto da supervisão.

Referências

- Anzieu, D. (1993). O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal. Casa do Psicólogo.
- Ávila, L.A. (2013). A psicanálise das configurações vinculares e a supervisão de equipes de assistência social. *Vínculo - Revista do NESME*, 10 (2), jul, 2013. <https://www.redalyc.org/pdf/1394/139437793002.pdf>
- Bion, W. R. (1975). Experiências com grupos (2ª ed., W. I. Oliveira, trad.). Imago: EDUSP.
- Brasil. (1972). Casa Civil. *Parecer CFE nº 45/72 de 12 de janeiro de 1972*. (1972). A qualificação para o trabalho no ensino no segundo grau. Relator Pe. José Vieira Vasconcelos. Brasília.
- Brasil. (1977). Casa Civil. *Decreto nº 87.497/82 Lei nº 6497/77 de 07 de setembro de 1977*. (1997). Regularização de estágios supervisionados. Coletânea de legislação: edição federal, São Paulo.
- Brasil (1996). Casa Civil. *Lei Federal nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996*. (1996). Estabelece diretrizes e bases para a educação nacional. Brasília: Planalto.
- Castanho, P. (2018). Uma introdução psicanalítica ao trabalho com grupos em instituições. *Linear A-barca*.
- Castanho, P. (2025). Sobre a contratransferência em supervisão: pistas grupais e institucionais (p. 129-152). In: Pitrowsky e Kupermann. *Supervisão: o “sentir com” entre psicanalistas*. INM Editora.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2025). Resolução n. 5 de 3 de fevereiro de 2025. Documento de Orientação Sobre Estágios de Graduação em Psicologia. <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-5-de-3-de-fevereiro-de-2025-613444532>
- Derzi, C., & Marcos, C. M. (2013). Supervisão em psicanálise na universidade. *Psicologia Em Estudo*, 18(2), 323–331.
- Drawin, C. R.; Moreira, J.O.; Câmara, T.C.C. (2020). Freud e Fliess: considerações sobre uma supervisão imaginária. *Memorandum: Memória E História Em Psicologia*, 37, 2020. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2020.1629>

- Fédida, P. (1991). Nome, figura e memória. A linguagem na situação psicanalítica. Escuta.
- Ferreira, A. J., & Silva, J. F. da. (2025). O conceito de transferência de trabalho em psicanálise: uma revisão integrativa da literatura brasileira. *Analytica: Revista De Psicanálise*, 13(26). <https://doi.org/10.69751/arp.v13i26.5059>
- Gay, P. (1998). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Companhia das letras.
- Fernandes, B. S.; et al. (2004). A supervisão, o supervisor e os supervisionandos. *Rev. SPAGESP*. 5(5) Ribeirão Preto dez. 2004. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702004000100004
- Freud, S. (1916/1976). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, (Vol. 15 & 16). Imago.
- Freud, S. (1919). *Deve se ensinar psicanálise nas universidades*. In: História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) (p. 377-381), Companhia das letras.
- Freud, S. (1921). *Psicologia das massas e análise do ego*. In: Freud, S. Edição Standart brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Companhia das letras.
- Freud, S. (1913). Totem e tabu. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol.13, pp.11-191). Imago.
- Freud, S. (1923/1996). O Eu e o Isso. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Imago.
- Freud, S. (1926/2014). A questão da análise leiga. In: *Obras completas* (vol. 17). Companhia das Letras.
- Han, B.C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Vozes.
- Jasiner, G. (2022). *La trama de los grupos: dispositivos orientados al sujeto*. Lugar Editorial.
- Kaës, R. (2011). *Um singular plural: A psicanálise à prova do grupo*. Edições Loyola Jesuítas.
- Kovács, V. (1936). Training and Control-Analysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 17, 346-354.
- Kupermann, D. (2025). Notas sobre a supervisão na psicanálise contemporânea. In: Pitrowsky, L. Kupermann (orgs.). *Supervisão: o “sentir com” entre psicanalistas* (p. 25-36). INM Editora.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário 16: de um Outro ao outro*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário 17: o avesso da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lakatos, EM., Marconi, M. de A. (1988). *Metodologia científica*. Atlas.
- Machado, A.M. (2014). Exercer a postura crítica: desafios no estágio em psicologia escolar. *PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO*, 2014, 34(3). <https://doi.org/10.1590/1982-3703001112013>.
- Marcos, C.M. (2012). A Supervisão em Psicanálise na Clínica Escola: Breve Relato de uma Pesquisa. *Revista Subjetividades*, 12(3-4), set/dez, 2012. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S151861482012000200015&script=sci_abstract
- Mascarenhas, SA (Org.) (2018). *Metodologia científica*. (2a ed.) Pearson.
- Mendes, E. R. P. (2012). Sobre a supervisão. *Reverso*, 34(64), 49-55. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952012000300007&lng=pt&tlng=pt.
- Mezan, R. (2020). *Interfaces da psicanálise*. Editora Blucher.
- Osório, L. C. (2021). *Grupos: teorias e práticas: acessando a era da grupalidade*. Artesã.
- Penna, P. D. M. (2024). A supervisão psicanalítica a partir da orientação lacaniana: uma revisão de literatura. *Mosaico: Estudos Em Psicologia*, 12(1). <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/51055>
- Pichón-Rivière, E. (2009). *O processo grupal*. 8ª ed. Martins Fontes.
- Pinheiro, N. N. B., & Darriba, V. A. (2011). Elementos para Interrogar uma Clínica Possível a Partir da Psicanálise na Universidade. *Interação Em Psicologia*, 15. <https://doi.org/10.5380/psi.v15i0.25382>

- Pitrowsky, L. T. (2025). A supervisão como lugar da contratransferência. In: Pitrowsky e Kupermann. *Supervisão: o “sentir com” entre psicanalistas*. INM Editora.
- Pitrowsky, L. T., & Kupermann, D. (2021). A supervisão e a transmissão do estilo empático na clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 24(3), 575–596. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p575.6>
- Roudinesco, E; Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Jorge Zahar.
- Safatle, V.; Júnior, N S.; Dunker, C. (2022). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica.
- Safouan, M. (2023). *A Psicanálise: ciência, terapia e causa*. 7Letras.
- Silva, R.F.D. (2019). *A supervisão (controle) na formação do psicanalista*. Relicário.
- Silva, J. A. P. da ., Coelho, M. T. Á. D., & Pontes, S. A. (2019). Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica com Orientação Psicanalítica: Uma Revisão de Literatura. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 35, e35433. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35433>
- Souza, L. K. D. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos brasileiros de psicologia*. 71(2), p. 51-67. <http://hdl.handle.net/10183/245380>.
- Verztman, J. (2025). Ecos, reflexos e sonho no trabalho de supervisão. In: Pitrowsky, L. & Kuperman, D. *Supervisão: o “sentir com” entre psicanalistas*. Inm Editora.
- Vieira, F.M. (2020). O sujeito e o neoliberalismo: uma questão de economia. *PePsic*.9(17). São João del Rei jul./dez. 2020. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231651972020000200010&lng=pt&nrm=iso
- Zaslavsky, J., Nunes, M. L. T., & Eizirik, C. L. (2003). A supervisão psicanalítica: revisão e uma proposta de sistematização. *Revista De Psiquiatria Do Rio Grande Do Sul*, 25(2), 297–309. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082003000200006>
- Zimerman, D.E. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Artmed.
- Zimerman, D.E.; Osório, L.C. (1997). *Como trabalhamos com grupos*. Artmed.
- Woronowski, M (2003). ¿Tiene vigencia el grupo operativo? In: Jasiner, G. Woronowski, M. *Para pensar a Pichon*. Lugar Editorial.